

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Lisboa : Edições 70, 1989. (Col. Arte Comunicação, n. 12)

Em seu texto *A Câmara Clara*, Barthes possui um tom pessoal, ainda que crítico, em relação à imagens, fotografias selecionadas, fotografias em geral, arte, verdade e real. Segundo Barthes, a fotografia pode ser objeto de três práticas:

- fazer: *fotógrafo/ operator*
- suportar: *spectrum/ espetáculo/ espectro* – retorno do morto
- olhar: *spectator*

"Diante da objetiva sou ao mesmo tempo: aquele que me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga e aquele de que ele se serve para exhibir sua arte." (p. 27)

Dessa maneira, a fotografia é o advento do sujeito (eu) como outro, transformando-se em objeto (minha fotografia). O sujeito morre enquanto pessoa, tornando-se através da fotografia "Todo-Imagem", ou seja, um objeto. Para o autor, fotografias são sempre invisíveis, pois sempre vemos o seu referente em detrimento da fotografia em si.

A medida em que o autor traça considerações sobre fotografias buscando diferenciá-las dos outros tipos de imagens, sente a força da desordem e do acaso que impregna a foto, por essa ser, segundo ele, uma arte pouco segura.

Sobre sua indiferença diante de algumas fotos, o autor comenta:

"a fotografia está vagamente constituída como objeto, e os personagens que nela figuram estão constituídos como personagens, mas apenas por causa de sua semelhança com seres humanos, sem intencionalidade particular. Flutuam entre a margem da percepção, a do signo e a da imagem, sem jamais abordar qualquer uma delas." (pg. 37)

Já as fotografias escolhidas, avaliadas, apreciadas, reunidas em álbuns ou editadas em revistas (ou seja, aquelas que passaram pelo crivo da cultura), não são animadas, mas podem animar o autor, pelo que ele denomina aventura, ou seja, o estalo que se sente diante de algumas imagens. Após a escolha pessoal de algumas fotografias, Barthes passa a elaborar uma fenomenologia particular, comprometida com temas antes desconsiderados, como o afeto, o gosto pessoal que está presente na fotografia, desde sua gênese enquanto imagem, até a circulação das mesmas. Assim, ele define algumas categorias:

- *Studium*: gosto de alguém, culturalmente perceptível. Reconhecer o *studium* é encontrar as intenções do fotógrafo, compreendê-las, discuti-las.
- *Punctum*: aquilo que parte da cena e traspassa, fere, pune, mortifica o *spectator*.
- *Choque fotográfico*: revela aquilo que estava tão bem oculto e do qual o próprio ator estava ignorante ou inconsciente.

Por ironia, a fotografia em um primeiro momento fotografa o notável para surpreender, e por inversão, decreta notável aquilo que ela fotografa.

"Os realistas, entre os quais estou, e entre os quais eu já estava quando afirmava que a fotografia era uma imagem sem código – mesmo que, evidentemente, códigos venham infletir sua leitura – , não consideravam de modo algum a foto como uma "cópia" do real – mas como uma emanção do real passado: uma magia, não uma arte. Perguntar se a fotografia é analógica ou codificada não é um caminho para a análise. O importante é que o constativo da fotografia incide, não sobre o objeto, mas sobre o tempo. Na fotografia, de um ponto de vista fenomenológico, o poder de autenticação sobrepõe-se ao poder de representação." (p. 132)

O *spectator* é o ponto de referência de qualquer foto, e essa atesta, segundo Barthes, que o que é visto de fato existiu (referência). Seu sentido é pleno, à fotografia não se pode acrescentar nada. "Assim é a Foto: não pode dizer o que ela dá a ver"(p. 149).

Saul Edgardo Mendez Sanchez Filho. Mestrado em Cultura e Turismo/DLA/UDESC. Pesquisador bolsista/CAPES. Orientadora: Profa. Dra. Maria de Lourdes Netto Simões. Grupo de Pesquisa ICER.